



ENTRE VERSOS E MANIFESTOS: AS CONTRIBUIÇÕES DE EDWIGES DE SÁ PEREIRA PARA A EMANCIPAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DA MULHER EM RECIFE (1920-1932)

**M^a Angélica Pedrosa de Lima Silva¹; Prof^a Dra. Alcileide Cabral do
Nascimento²**

RESUMO

O trabalho proposto faz parte de um projeto maior denominado Sexualidades perigosas e corpos rebeldes: família, honra e relações de gênero no Recife (1900-1932)*. O recorte do trabalho apresentado tem como objetivo analisar as conquistas e contribuições da feminista Edwiges de Sá Pereira e seu pensamento sobre a emancipação feminina e a inserção da mulher no espaço público em Pernambuco. A corrente adotada para a discussão é a Nova História Cultural que possibilitou aprofundar os estudos sobre as mulheres e a história dos excluídos, somada às leituras da teoria crítica feminista. Como norteadores desta pesquisa estão as autoras Céli Jardim Pinto, Joana Pedro e June Hahner. A discussão teórica tem como alicerce Peter Burke, Joan Scott e Raquel Soihet. As instituições examinadas foram a Biblioteca Pública de Pernambuco, sobretudo as séries Obras Raras e a Coleção Pernambucana e a Fundação Joaquim Nabuco, com o acervo pessoal de Edwiges de Sá Pereira. Ela foi uma das mulheres mais importantes do Movimento Feminista em Pernambuco no início do século XX. Tornou-se, em 1920, a primeira mulher imortal da Academia Pernambucana de Letras. Fundou e participou como líder da Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino, instituição, criada em 11 de novembro de 1931, filiada à Federação Brasileira para o Progresso Feminino, sediada no Rio de Janeiro, que foi a mais importante organização em defesa dos direitos da mulher no Brasil, que tinha como luta central o direito ao voto e como líder Bertha Lutz. A Federação Pernambucana procurou desenvolver um plano de ação política e social, com o propósito de lutar para que as mulheres fossem consideradas cidadãs com direito ao voto e serem votadas. Essa organização teve bastante repercussão no Recife, como se pode atestar na análise das Atas de Assembléia Geral e Sessões Extraordinárias da Instituição, e êxito na conquista do direito político às mulheres, ainda que alcançasse apenas as mulheres alfabetizadas.

Palavras - chaves: Movimento Feminista; Cidadania; Relações de Gênero.

¹ Estudante do Curso de Licenciatura Plena em História - DHIS – UFRPE. E-mail: angelllita@hotmail.com;

² Docente/pesquisadora do Departamento de História – DHIS - UFRPE. E-mail: alcileide.cabral@gmail.com.

*Pesquisa financiada pelo CNPq/FACEPE/UFRPE



ABSTRACT

This proposed work comes from a major project named "Dangerous sexualities and rebel bodies: family, honor and gender's relationships in Recife (1900-1930). The outline of the presented work aims to analyze the feminist Edwiges de Sá Pereira's achievements and contributions and her thought about female emancipation and the inclusion of women in public space in Pernambuco. The adopted current to discuss it's New Cultural History that enabled more detailed study about women and the excludeds' history, added to the readings about feminist critical theory. Guiding this research are the authors Céli Jardim Pinto, Joana Pedro and June Hahner. The theoretical discussion has as its foundation Peter Burke, Joan Scott and Rachel Soihet. The institutions examined were the Public Library of Pernambuco, especially the Rare Books series, Collection from Pernambuco and Fundação Joaquim Nabuco, plus the personal collection of Edwiges de Sá Pereira. She was one of the most important women of the Feminist Movement in Pernambuco in the early twentieth century. She became, in 1920, the first immortal woman in Academia Pernambucana de Letras. She founded and participated as leader of the Federation for the Female Advancement in Pernambuco, an institution established in November 11, 1931, affiliated to the Federation for the Female Advancement, based in Rio de Janeiro, which was the most important organization in defense of women's rights in Brazil, which had the right to vote as main fight and as a leader Bertha Lutz. The Federation of Pernambuco sought to develop a plan of political and social action, with the purpose of fighting for women were considered citizens with right to vote and be voted upon. This organization had repercussions in Recife, as can be confirmed in the analysis of the Minutes of General Meeting and Extraordinary Sessions of the Institution, and success in the conquest of political rights to women, although it reached only literate women.

Key words: Feminist Movement, Citizenship, Gender Relations



A grande mudança da história, nas últimas décadas, foi se inclinar sobre temáticas até então excluídas do seu interesse, como os estudos dos grupos sociais, em que se teve a História Cultural como precursora do desenvolvimento dos estudos sobre as mulheres, um dos sujeitos e objetos dessa nova história, se apoiando em outras disciplinas como literatura, psicanálise e principalmente, a antropologia, fazendo assim ser criada a interdisciplinaridade, uma considerável ferramenta, que reforça a análise sobre o feminino.³

Foi com a terceira geração da Escola dos Annales que se iniciou a construção historiográfica do percurso feminino, tendo como maior incentivador o crescente movimento feminista, dos anos 60.⁴ Esse movimento pressupõe a existência das mulheres como uma categoria social separada e definível. Foram as feministas, antes dos historiadores, que perceberam o esquecimento que a História estava criando em relação às mulheres e foi a partir da produção histórica que essas militantes tomaram como foco para adquirir o passado feminino e identificar o motivo da dominação masculina. A memória coletiva havia “esquecido” as mulheres como agentes da história, e era preciso mostrar sua luta, suas resistências, vitórias desconhecidas, humilhações.⁵

A escassez de vestígios, de fontes e documentos acerca do passado das mulheres foram freqüentemente apagados e destruídos por elas próprias, como expõe Michelle Perrot, sobre autodestruição da memória feminina:

Convencidas de sua insignificância, estendendo à sua vida passada o sentimento de pudor que lhes havia sido inculcado, muitas mulheres, no ocaso de sua existência, destruíram – ou destroem- seus papéis pessoais. Queimar papéis, na intimidade do quarto, é um gesto clássico da mulher idosa.⁶

Esse fato aborda razões da falta de fontes não sobre as mulheres nem sobre a mulher, mas sim sobre sua existência concreta e sua história singular. Entretanto, muito se fala das mulheres, mas são discursos, na maioria das vezes obra dos homens, onde se ignora quase

³ SOHIET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: Ensaio de teoria e metodologia**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997, p. 275-278.

⁴ BURKE, Peter. **A Escola do Annales** (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Fundação Ed. Da UNESP, 1997.

⁵ SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 145-160.

⁶ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 21-22.



sempre o que elas pensavam, viam ou sentiam, criando assim a imagem do que elas são ou do que elas deveriam fazer. Por terem sido construídas pelos homens, de certa forma pelo pensamento misógino do século XIX é que foi despertado o desejo dessa pesquisa, de se investigar os discursos e representações da construção da identidade feminina moderna do início do século XX, em que o ser mulher se mostrou capaz de participar da construção da esfera pública moderna, tendo como grandes motivadores o aparecimento da noção de cidadania e das novas ideias e ideologias, fazendo assim se desconstruir a imagem inferiorizada que a dominação masculina fez durante séculos. As justificativas para essa inferioridade se baseavam (sobretudo no século XIX) nas características biológicas e físicas do sexo feminino, onde denominaram que a “fragilidade natural” e o potencial reprodutivo do corpo feminino seriam determinantes de sua natureza passional e passiva, de suas funções na sociedade, de sua inteligência inferior à do homem e, como consequência disso, de sua subordinação ao mesmo: a mulher seria a representante da Natureza, enquanto o homem representaria a Ciência.⁷ Entretanto, a partir da transição dos séculos XIX para o XX, esse discurso misógino foi se desfazendo, onde a modernidade permitiu às mulheres de se empregar como mão-de-obra ativa, colocando assim em questionamento a superioridade masculina.

Durante a segunda metade do XIX, as cidades brasileiras prosperaram, em tamanho e complexidade social e econômica. O comércio cada vez mais ativo, a crescente industrialização, a comunicação, o transporte mais eficiente, os índices de alfabetização, nos principais centros urbanos, facilitaram o surgimento de novos pensamentos e ideologias. Com o progresso da vida urbana, algumas mulheres que faziam parte da minoria alfabetizada conseguiram optar por novos caminhos. E foram delas que nasceram as sucessoras que defenderiam a emancipação das mulheres no Brasil.

Como capital do Brasil, o Rio de Janeiro permanecia na liderança econômica, cultural e intelectual do país. Por volta de 1872, a cidade continha bem mais do que 250 mil habitantes, o que fazia dela uma das maiores do hemisfério ocidental. Mais do que qualquer outra cidade brasileira, o Rio foi centro das primeiras manifestações de protesto contra a subordinação feminina, lideradas pelas mulheres de classe média e alta.⁸ Porém, Recife não ficou para trás,

⁷ FERREIRA, Verônica C. **Entre Emancipadas e quimeras-imagens do feminismo no Brasil**. Cadernos AEL, N.3/4, 1995/1996.

⁸ HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 68-74.



com a virada do século, a capital pernambucana era o mais importante centro econômico, político e cultural do Norte, apesar das constantes crises que afetavam a economia pernambucana decorrentes da prevalência dos interesses da agroindústria açucareira. Nessa época, compreendia uma população de 113 mil habitantes, em 1900, e passou para aproximadamente 239 mil, em 1920⁹ e foi na década de 10 do novo século, no governo de Dantas Barreto, que aconteceu a destacável modernização da estrutura urbana do Recife, com o plano do engenheiro Saturnino de Brito. A construção de uma cidade moderna, não só estava relacionada ao abastecido pelo fornecimento de água e luz elétrica, mas também aos avanços dos centros acadêmicos, hospitalares e comerciais recifenses, onde já atendiam não só a capital como as demais regiões.¹⁰ Os bondes, os automóveis, o telefone modificaram as relações entre o público e o privado. A convivência da modernização com a tradição não era pacífica, causava impactos, admirações, receios. Enfim, todo o tipo de sentimento. Porém, como narra Antonio Paulo Rezende, todo esse discurso da modernização era preciso para alcançar e aprofundar a dimensão da cidadania, reivindicando, na prática, por uma sociedade mais justa.¹¹

Foram nessas reais mudanças para o século XX que foi retratada por escritores pernambucanos da época como uma transição temerosa e agitada. Segundo Edwiges de Sá Pereira, poetisa, educadora e jornalista, em tão pouco tempo o novo século já se mostrava tão forte e tão avançado. “Que fragor de sucessos! Que ascensões imprevistas! Que mudanças de cenários”.¹² É dentro dessas interjeições escritas em jornais e folhetos da época que se obtém o pensamento moderno do novo século, um pensamento positivo e libertador para as mulheres que travavam lutas contra a hierarquia criada pelos homens, onde viam nesse novo tempo, uma possibilidade de mudança e de maior inserção no espaço público.

É a partir desse contexto histórico que a terceira capital do Brasil obteve um aumento significativo em escritos que falavam sobre as mulheres ou composições direcionadas para elas. Ganharam uma posição de destaque nos semanários, tornando-se bastante debatidos. Diversos escritores se ocuparam em trabalhar esse tema. Tantos homens como mulheres, porém deixando claro que a participação delas na imprensa era dada de forma restrita, já que

⁹ REZENDE, Antônio Paulo. **O Recife: história de uma cidade**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002, p.93-94.

¹⁰ CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. **Pela Mulher, para a Mulher: Uma voz feminista no Recife dos anos 30**, p. 01.

¹¹ *Ibid.*, p. 102.

¹² PEREIRA, Edwiges de Sá. **Pela Mulher, Para a Mulher**. Trabalho realizado para o Congresso Internacional Feminista. Recife- 1932, p. 05.



somente as intelectuais de maior destaque conseguiram espaço nos periódicos locais, concorrendo assim com os grandes jornalistas.

Entre 1920 e 1930, a sociedade pernambucana ainda sofria fortes influências do patriarcalismo e a mulher daquela época era atingida, na sua essência, por um sistema repressor e modelador. Mulheres submissas ao pai e depois ao marido numa resignação silenciosa e sofrida, como se a força da natureza humana estivesse na complacência do dever de não existir.¹³

O homem do início do século XX criava um ideal de mulher preconcebido, como se fosse algo a ser seguido pelo sexo oposto. Era perceptível esse tipo de argumento imposto por eles em pequenas reportagens que saíam em revistas femininas da época, em que usavam esse meio para expor as regras sociais que a mulher deveria seguir. Elas viviam condicionadas aos ideais do homem e dificilmente alguma ousava contrariar aqueles desejos-leis, pelo próprio despreparo de quebrar estruturas ou de perder o lugar de “rainha do lar”. Isso gerou ainda mais uma passividade feminina em ser aquilo que a sociedade masculina esquematizasse. Portanto, foram poucas as mulheres que na década de 20 e 30, em Pernambuco, se rebelaram na conquista de seus direitos. Raras foram as que lutaram contra princípios preestabelecidos, aos quais alienavam a mulher e traíam a sua capacidade de ser.¹⁴ Entretanto, a minoria que desbravou os caminhos, firmando-se e machucando-se na procura de sua autenticidade humana, trouxe vastas contribuições para uma emancipação social e política feminina.

1. Edwiges de Sá Pereira: pensamento e ação

As leituras das Obras Raras e da Coleção Pernambucana recolhidas na Biblioteca Pública de Pernambuco nos deram uma grande bibliografia dessa minoria, personalidades femininas do início do século XX que lutaram por voz na sociedade vigente. Edwiges de Sá Pereira foi uma dessas personalidades e por que não dizer que foi o mais considerável nome para a manifestação do movimento feminista dentro de Pernambuco?

Em 1901, ela foi incluída, na categoria de correspondente, como sócia fundadora da Academia Pernambucana de Letras, no Recife, e a partir de 1920 tornou-se sócia efetiva e a

¹³INOJOSA, Cristina. **Martha de Holanda**: Feminismo e Feminilidade. Recife, Assessoria Editorial do Nordeste, 1984. p. 29.

¹⁴INOJOSA, Cristina. **Martha de Holanda**: Feminismo e Feminilidade. Recife, Assessoria Editorial do Nordeste, 1984. p. 34.



primeira mulher no Brasil a pertencer de fato a uma Academia de Letras.¹⁵ O ano de 1931 foi marcado pela fundação da Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino (FPPF), na capital pernambucana, tendo como criadora e líder a poetisa Edwiges. Suas reuniões, inicialmente, realizavam-se no salão do Clube Internacional da Cidade. Essa organização era uma filiada da Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF), sediada no Rio de Janeiro, no qual foi a mais importante organização em defesa dos direitos da mulher do Brasil, da década de vinte, que tinha como luta central o direito ao voto.¹⁶ A Federação nacional foi criada por Bertha Maria Júlia Lutz e em dezembro de 1922 foi apresentada à sociedade na mesma ocasião do acontecimento do I Congresso Internacional Feminista, no Rio de Janeiro. Bertha era uma das pioneiras da luta pelo voto feminino e pela igualdade de direitos entre homens e mulheres no Brasil.¹⁷

Depois de sete anos de estudos na Europa, a feminista Lutz voltou para o Rio de Janeiro. Lá ela tinha acompanhado de perto a campanha do sufrágio feminino na Inglaterra. Pouco depois de regressar, publicou um artigo seminal que ajudou a lançar formalmente o movimento sufragista feminino no Brasil. Ela fez uma chamada oficial para a constituição de uma Liga para mulheres brasileiras que entendessem que a mulher não deve “viver parasitariamente de seu sexo”, mas ao contrário, deve ser útil e capaz de assumir responsabilidades políticas no futuro, tornado - se instrumentos preciosos para o progresso do Brasil. Essa Liga se transformou em uma consistente organização nacional, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), onde a própria Bertha redigiu o Estatuto da instituição, proclamando assim os objetivos da Federação: promover a educação feminina e elevar o nível de sua formação escolar; proteger mães e crianças; conquistar sua consciência política e social; fortalecer os elos de amizade com outros países americanos, assim como garantir a manutenção perpétua da paz e da justiça no hemisfério ocidental.¹⁸ Esses foram alguns dos objetivos que se encontram nos Estatutos da Federação.

¹⁵ SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (Ogs.). **Dicionário mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p. 189.

¹⁶ SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (Ogs.). **Dicionário mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p. 189.

¹⁷ PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma História do Feminismo no Brasil**. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. – Coleção História do Povo Brasileiro. p. 23-25.

¹⁸ HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino**: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 287-299.



No acontecimento do II Congresso Internacional Feminista, em 20 de junho 1931, realizado no Rio de Janeiro¹⁹, a pernambucana Edwiges de Sá fez uma conferência intitulada “Pela mulher, para a mulher”, que traz posto o pensamento de transformação do ambiente feminino, o seu despertar de uma vida inerte, a partir da mudança temporal e dos acontecimentos. Nesta conferência se percebe que o tema selecionado por Edwiges foi enfocado na defesa de seu ponto de vista sobre a instrução social. Está direcionado a uma nova concepção de ensino para as mulheres brasileiras, em que a poetisa estabelece três categorias no qual se enquadra à população feminina do país: a que não precisa trabalhar; a que precisa e sabe trabalhar; a que precisa e não sabe trabalhar. A autora define a situação da mulher diante às condições econômicas de cada classe para poder relacionar com o saber e a necessidade. Segundo seu pensamento, a mulher de classe favorecida não precisa trabalhar; a de classe média sabe e precisa trabalhar e a da classe baixa, não sabe e precisa trabalhar. Edwiges usa diretamente às mulheres de baixa renda para abordar o problema da educação, mas não faz disso um particular, adicionando também as outras classes.

Ao relatar sobre a situação da mulher que não precisa trabalhar, expõe a modificação drástica que se sucedeu na vida cotidiana da mesma com a modernidade. Elas passaram a considerar as coisas para além do ambiente familiar, aguçando um alto espírito de sociabilidade, uma necessidade maior de cultura, desenvolvendo-se então uma espécie de hierarquia, as mais cultas são as mais nobres, ao afirmar que “hoje a mulher que *pode* não limita a sua ação: ela projeta para um destino de maior expansão as iniciativas de que se sente capaz.”²⁰

Na segunda categoria, a mulher que precisa e sabe trabalhar, retrata todo um dilema que essa classe específica vivia, pois passavam por um lema que fazia delas mulheres desprotegidas: “Trabalha ou degrata-te”, lema esse que conflitava a necessidade de trabalhar com o diminuir a capacidade de ser mãe, levando a sociedade a uma suposta queda de natalidade.

O trabalho das fabricas não poderia convir á mulher porque afetaria a sua natureza orgânica, diminuiria a sua capacidade procriadora, comprometeria a natalidade, concorreria para a despolação. (...) a mulher que se faz operaria deixa de ser mulher; ‘a mulher nas oficinas e nas fabricas, entre

¹⁹ **Jornal O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 1931. Disponível na Biblioteca Pública de Santa Catarina – SC. Acessado em 24 de Agosto de 2010.

²⁰ PEREIRA, Edwiges de Sá. **Pela Mulher, Para a Mulher**. Trabalho realizado para o Congresso Internacional Feminista. Recife- 1932. p. 07.



outros prejuízos e inconvenientes, perde ou barateia o direito ao sentimento de pudor'.²¹

A grande feminista pernambucana rebate essa tese afirmando primeiramente que, o índice de mortalidade infantil, considerado alto entre as populações trabalhadoras dos grandes centros urbanos, só poderia ser atribuído a situação precária das mães.

A última categoria detectada pela autora, as que precisam e não sabem trabalhar, saiu da união das outras duas categorias, as mulheres que não precisam e as que precisam e sabem trabalhar. Essa terceira classe é de tamanha popularidade, porque faz às outras duas categorias se unirem para ir à defesa e socorro a essa última categoria de mulher brasileira, composta por uma população ignorante e incapaz. “Não chega para esta classe nem escola, nem higiene, nem religião.”²²

Um dos consideráveis achados sobre Edwiges de Sá Pereira foi ter-se descoberto que a mesma participou ativamente e como líder da instituição Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino (FPPF), que teve como cidade sede Recife e sua fundação foi em 10 de novembro de 1931. Essa organização teve bastante repercussão na sociedade recifense, cujo se pode atestar na análise das leituras das Atas das Sessões Extraordinárias e das Assembléias Gerais. São nove Atas que nos disponibilizam uma ideia dos acontecimentos das reuniões da Federação Pernambucana, porém sem maiores aprofundamentos. Entretanto, o mais notável é que a partir delas tem-se a possibilidade de encontrar outras bibliografias e outras personalidades que estariam aliadas ao pensamento emancipador.

Os registros das Atas focam sete anos da organização e produção da instituição até o seu fechamento, tendo a primeira registrada na data em que a FPPF foi fundada por Edwiges de Sá. Juntamente com a fundadora, as outras personalidades que compuseram a Federação mostravam a importância de se criar um paralelo entre os deveres que a Constituição Federal impôs às mulheres e os direitos que se devem caber as mesmas. Desde a primeira Ata até a última percebemos o cuidado que as integrantes da Federação tinham para com a sociedade, e com essa preocupação elas desenvolveram um plano de ação social, tendo como um dos programas sociais a Escola de Oportunidades, em que tiveram o propósito de criar meios para as mulheres recifenses serem inseridas e vistas na sociedade como sujeitos políticos. O intuito

²¹ Ibid. p. 7 - 8.

²² PEREIRA, Edwiges de Sá. **Pela Mulher, Para a Mulher**. Trabalho realizado para o Congresso Internacional Feminista. Recife- 1932. p. 10.



desse plano era criar um ciclo de conscientização das mulheres em geral para as mesmas se sentirem agregadas à luta pelas questões sociais.

Essas reuniões aconteciam em biênios, onde basicamente eram registrados o essencial e o mais importante dos projetos realizados pela Federação, como por exemplo, na leitura da terceira Ata, em 23 de julho de 1933, que traz registrado o comparecimento de Edwiges de Sá na convenção eleitoral, no Rio de Janeiro, em que tinha a finalidade de garantir na Constituição de 1934 o direito ao voto universal. Isso expõe o grandioso nome da líder da FPPF não só no Estado de Pernambuco, mas sim no Brasil, porém são limitadas ainda as informações do que a fez ser convidada à convenção.

Um grande momento de desenvolvimento das atividades da FPPF ocorre no biênio de 1933 a 1935, em que se destaca um período social, com: a colaboração da Federação para a passagem das emendas feministas na Assembléia Nacional Constituinte; o comparecimento à segunda convenção nacional feminista, na Bahia; mensagem da Federação ao presidente Getúlio Vargas, requerendo apoio para as reivindicações feministas e a revisão da Legislação do Trabalho para melhorar a situação da mulher proletária; co-participação no movimento em torno da representação feminina do Brasil no Congresso Internacional Feminista, realizado na Turquia, na cidade de Stambul; a Festa da Vitória, realizada no estúdio do Radio Club do Recife, solenizando as vitórias alcançadas pela mulher na nova Constituição. O rádio e a imprensa eram usados pela Federação para divulgar os feitos e as comemorações diante da sociedade pernambucana.

As duas últimas Atas estão dentro do período do Estado Novo, do governo Vargas, no ano de 1937. Essas sessões abordam a situação da Federação diante da questão do Decreto – Lei que falava sobre a extinção dos Partidos Políticos, incluindo as organizações civis. A FPPF foi uma associação fundada em 1931, em Recife, com personalidade jurídica, considerada de utilidade pública e filiada à FBPF e por ter sido registrada no Tribunal Eleitoral, caía na ilegalidade. Foram reuniões designadas para tornar conhecimento à todas as integrantes sobre a situação da instituição, onde a diretoria, após o estudo do assunto, acatou o ato oficial, dissolvendo a FPPF até tempo oportuno e conveniente. Procedida a reforma dos Estatutos, passou a existir sob distinta denominação, dentro da finalidade que sempre trabalhou, puramente cultural e beneficente. Com isso, foi-se deliberada a nomeação de uma comissão liquidatária do patrimônio social da Federação onde se encarregou de retirar dinheiro e vender títulos para, assim, criar uma nova instituição para substituí-la, sob a mesma



finalidade, propondo manter o título da Escola de Enfermeiras, o curso profissional de enfermagem fundado pela Federação, que tinha como sede o hospital Hermann Lundgren de Olinda.

Pode-se perceber após da minuciosa leitura das Atas que apesar das reuniões e as reais movimentações que a Federal trouxe para a sociedade pernambucana, no final ela não enfrentou a estrutura social que a instituição tanto lutava para conseguir, a defesa por direito a voz. Um momento oportuno para as mulheres reivindicarem maiores direitos e simplesmente elas recuaram, propondo uma reformulação de seus Estatutos, expondo assim um feminismo bem-comportado, aquele que lutava para a inclusão das mulheres à cidadania evidenciada, para o bom andamento da sociedade, sem radicalizar, nem muito menos manifestar reclamações de maneira mais radical.

Por toda a sua vida Edwiges de Sá trabalhou com prioridade nas atividades que se direcionava para os temas educacionais e por se portar dessa forma viu nas Escolas Domésticas, nas Rurais e nos Institutos Profissionais uma maneira de abordar as classes sociais, evangelizando e aprimorando moral e socialmente a mulher no seu instinto de afirmação pessoal. E foi a partir desse ideal que a mesma visitou diversos estabelecimentos técnicos e profissionais pelo país, para aprender novas práticas de ensino.²³ Encontramos todas as visitas no Relatório impresso e escrito pela mesma, em Recife, no ano de 1926. Foram seis meses de trabalho estabelecido para esse fim, onde a educadora e feminista expôs sua imparcialidade, criando um critério sobre o grande problema da educação nacional. O objetivo desse relatório é basicamente observar os melhores educadores, os Estados que mais rápido prosperaram e as escolas que realmente educaram. Foi na gestão do Governador Sérgio Loreto que a educadora e poetisa fez essa caminhada educacional, cujo Edwiges agradece a ele por essa oportunidade:

“A confiança com que o v. excia. me honrou, distinguindo-me entre tantos pedagogistas notáveis que o Estado, felizmente, conta, para a mim atribuir o encargo de observar a organização e funcionamento do ensino técnico e profissional do país nos Estados onde esta face da educação popular pode oferecer melhor padrão, modificou a meus próprios olhos o conceito que, sem modéstia, faço do meu desvalor pedagógico, e trouxe ao mesmo tempo ao meu sentimento de professora, há dezessete anos inteiramente devotada ao ensino publico e identificada com as suas necessidades e questões máximas, a consciência da responsabilidade que essas escolhas acarretava, e

²³ PEREIRA, Edwiges de Sá. **Relatório apresentado por Edwiges de Sá Pereira**. Professora Cathedratice da Escola Normal de Pernambuco, em Comissão Oficial do Governo do Estado. Recife - 1926.



do trabalho que me cumpria realizar para o bom desempenho do mandato honroso.”²⁴

Esse relatório deu uma experiência profissional inestimável à Edwiges e foi a partir dele que a mesma aprofundou nas diversas metodologias educacionais, despertando ainda mais a sua preocupação com o encaminhamento da educação não só em Pernambuco, como no Brasil. Segundo as leituras, percebe-se que o ensino e a instrução vêm a ser os principais objetos para a modificação de pensamentos retrógrados, dando assim, uma civilidade à população moderna do início do século XX.

2. Edwiges de Sá sob o olhar de Dulce Chacon

A escritora Dulce Chacon, educadora pernambucana, que nasceu em 08 de janeiro de 1906, também pertenceu à Academia Pernambucana de Letras, como Edwiges de Sá. No seu trabalho intitulado “Edwiges de Sá: escritora, acadêmica e professora”, Dulce narra uma espécie de biografia da amiga feminista, já que ela própria foi participante ativa das reuniões das Sessões Extraordinárias e Assembléias Gerais ocorrida na FPPF.

“A campanha feminista de que se fez pioneira e a líder mais categorizada, visando à integração da Mulher no plano social e político, Edwiges o desenvolveu em sintonia com a sua personalidade moral bem ajustada e dentro da mais elevada ética. Grande o seu campo de ação e de uma complexidade imensa e delicada numa época em que ser feminista significava ser ridícula, masculinizada, usurpadora dos direitos masculinos. [...] Manteve sempre serena a argumentação em torno dos problemas político-sociais da Mulher, embora incisiva e entusiasta na linguagem.”²⁵

Dulce retratava a poetisa Edwiges como a grande personalidade feminista pernambucana da época, que apesar de não ser de bom grado ser mulher e ainda defensora dos direitos, Edwiges não era rejeitada pela sociedade recifense, pelo contrário, tinha uma grande e valiosa importância, pois a sua bagagem literária, em versos, crônicas, crítica literária e artigos de propaganda feminista estavam sempre sendo divulgados e lidos pela população.

A autora expõe um considerável livro de Edwiges, “Erva Militante”, para mostrar o contraste da vida das mulheres em países Orientais com a sociedade da década de vinte, onde o preconceito entre homens e mulheres é uma luta aberta. Esse livro, segundo Dulce Chacon,

²⁴ Ibid. p.01.

²⁵ CHACON, Dulce. **Edwiges de Sá: escritora, acadêmica e professora**. Recife – 1958. p. 11.



é um trabalho notável pela profundidade com que consegue situar os aspectos positivos e negativos dos problemas femininos dentro da realidade brasileira.²⁶ A poetisa se apóia no feminismo para defender a mudança e a liberdade que a mulher ocidental conquistou:

“E o feminismo, a envolver dia a dia, palmo a palmo, conquistando terreno nas letras, nas artes, nas ciências, traça plano, formula projetos, discute os meios de inteira salvaguarda dos interesses da proletária, saneando o ambiente impuro de infelizes decaídas, desinfetando o meio viciado e corruto onde muitas aptidões se estragam, muita vida se perde. Com esse intuito reúnem-se congressos de senhoras, e empenham-se esforços e sacrifícios dignos de um apostolado [...]. O feminismo não é somente a reivindicação pela mulher de sua honra e do seu pão. É antes uma doutrina que reivindica para mulher: no código, certos direitos desconhecidos pelas leis e na sociedade um lugar justo e legítimo, recusado pelos costumes. O feminismo não trabalha, como alguns acreditam ou fingem acreditar, para estabelecer uma rivalidade entre os sexos: muito ao contrario, ele quer unir os esforços para uma obra comum no interesse da pátria, da família, da humanidade.”²⁷

É com a manifestação do feminismo que Dulce Chacon expõe o motivo da criação de uma filial da Federação Brasileira em Pernambuco, onde foi através da FPPF que foi estimulado o espírito de organização entre as senhoras, que anteriormente eram elementos dispersos na sociedade, e assim pôde-se orientá-las por meio de palestras, facilitando novas oportunidades de ação pela criação de cursos práticos de português, correspondência, datilografia e línguas, para moças de todas as classes sociais.²⁸ Dessa maneira, ajustando e libertando as mulheres pernambucanas da paralisia moral de suas casas.

Foram diante dessas contribuições que Edwiges de Sá Pereira e outras mulheres destacáveis levaram para a capital pernambucana da década de vinte reflexões sobre temas da condição feminina e suas reivindicações em difundir de certa maneira o ideal de cidadania e de direitos que as cabiam. Em suma, a poetisa Edwiges foi uma grande precursora na luta pelos direitos da mulher na cidade do Recife. Lutou pela conquista da emancipação feminina, tanto através de seus escritos e palestras, quanto com atitudes práticas. Defendia o divórcio em seus textos. Para ela, nenhuma mulher era obrigada a viver ao lado de um homem com quem não se entendesse muito bem. Porém, apesar de emancipacionista, não tinha hábitos modernos, como fumar e roupas avançadas para a época.

²⁶ Ibid. p. 15.

²⁷ CHACON, Dulce. **Edwiges de Sá**: escritora, acadêmica e professora. Recife – 1958. p. 13- 16.

²⁸ Ibid. p. 13.



A partir das novas ideologias do período Republicano, uma minoria de mulheres da elite, letradas e alfabetizadas, como a feminista Edwiges de Sá, adquiriu o ensejo de disseminar os ideais emancipacionistas e assim travar lutas contra a hierarquia criada pelos homens, atentando para esse novo tempo, o século XX, como uma possibilidade de mudança e de maior inserção das mesmas no espaço público.

Após um vasto período das leituras documentais, pôde-se perceber que a reação da população recifense aos discursos da professora Edwiges era um tanto quanto respeitável, a população ouvia e lia suas manifestações e participavam das reuniões da Federação Pernambucana. Diversos nomes de senhoras e senhores respeitáveis da sociedade recifense são encontrados nas atas das sessões da Federação, como também de artistas da época. Isso faz-nos pensar que a divulgação dos ideais feministas, na cidade do Recife, foi algo surpreendente na perspectiva de que de certa maneira os meios de comunicação e a sociedade em si deixaram difundir essa causa.

REFERÊNCIAS

1. Fontes

Livro de Atas de Assembléia Geral e Sessões Extraordinárias da Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino. Disponível no Acervo pessoal “Edwiges de Sá Pereira”, na Fundação Joaquim Nabuco. Acessado em 15 de Janeiro de 2010.

Jornal O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 1931. Disponível na Biblioteca Pública de Santa Catarina – SC. Acessado em 24 de Agosto de 2010.

2. Obras Raras

FRAGOSO, Maria. **A Questão da mulher.** Imprensa Industrial – Recife, 1904.

3. Coleção Pernambucana

CHACON, Dulce. **Edwiges de Sá:** escritora, acadêmica e professora. Recife – 1958.

INOJOSA, Cristina. **Martha de Hollanda:** Feminismo e Feminilidade. Recife, Assessoria Editorial do Nordeste, 1984.

PEREIRA, Edwiges de Sá. **Pela Mulher, para a Mulher:** Trabalho apresentado ao Segundo Congresso Internacional Feminista. Oficinas Graphics da Boa Imprensa - Recife, 1932.

_____. **Relatório apresentado por Edwiges de Sá Pereira.** Professora Cathedratice da Escola Normal de Pernambuco, em Comissão Oficial do Governo do Estado. Recife - 1926.

4. Bibliografia

BURKE, Peter. **A Escrita da História:** novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.



_____. **A Escola dos Annales** (1929 – 1989): a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. **Pela Mulher, para a Mulher**: Uma voz feminista no Recife dos anos 30. Disponível em: <http://www.unicap.br/real/artigos/Texto6ProfZuleica.pdf>>. Acesso em 20 de jan. de 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: O imaginário da república no Brasil. São Paulo, Ed. Companhia das letras. 1990

FERREIRA, Verônica C. **Entre Emancipadas e quimeras**: imagens do feminismo no Brasil. Cadernos AEL, n. ¾, 1995/1996.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino**: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850/1940. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz: EDUNISC, 2003.

LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da. **Os caminhos do olhar: circulação, propaganda e humor RECIFE, (1880-1914)**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2008.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma História do Feminismo no Brasil**. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. – Coleção História do Povo Brasileiro.

PRIORE, Del Mary. **História do Amor no Brasil**. 2 ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

RAGO. Margareth. **Adeus ao Feminismo?** Feminismo e (Pós) Modernidade no Brasil. Cadernos AEL, n. ¾, 1995/1996.

REZENDE, Antonio Paulo, org. **Recife: que História é essa?** Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1987.

_____. **O Recife**: história de uma cidade. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (Ogs.). **Dicionário mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006

SOHIET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**: Ensaios de teoria e metodologia. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.